



ARTE 132
A

**18 DE MAIO A
27 DE JULHO DE 2024**

Copyright @ 2024 Arte132 Galeria

1ª edição 2024

Mesquita, Ivo
Telmo Porto : colecionador e filantropo / Ivo
Mesquita. -- 1. ed. -- São Paulo : Arte132, 2024.

ISBN 978-65-00-99936-5

1. Artes - Exposições - Catálogos 2. Escultura
3. Porto, Telmo, 1955-2023 4. Pinturas - Catálogos
I. Título.

24-203078

CDD-700.74

Direitos reservados à Arte132 Galeria
Av. Juriti 132
CEP 04520-000 Moema São Paulo SP Brasil

Printed in Brazil 2024

RELEMBRANDO TELMO PORTO

Escrever sobre Telmo Porto, desafiando lembranças próximas e distantes, é para mim um difícil processo de construção de memórias, marcado pela saudade e pela ausência e também por afeto, admiração e amizade.

Tive o privilégio de conviver com Telmo por um período não tão longo, talvez cerca de 18 anos, a partir de 2005, quando eu, à frente da direção da Pinacoteca do Estado de São Paulo, conheci-o visitando nossas exposições.

Qualificá-lo já é uma primeira responsabilidade desafiadora: colecionador, mecenas, pesquisador, filantropo, frequentador assíduo e atento de exposições, amigo das artes, dos artistas e dos museus... todo um imenso espectro de atividades marcado pela profunda empatia com o humano, pela discrição e pela generosidade.

Nascido no Rio de Janeiro em 1955, mas desde jovem vivendo em São Paulo, em família marcada pelo interesse intelectual e por uma visão cosmopolita, cresceu em uma residência no bairro da Água Branca, projetada por Vilanova Artigas, que sempre evocava como ambiente formador de sua sensibilidade estética. Formou-se engenheiro civil ferroviário pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, na qual obteve seu doutorado e lecionou por mais de 30 anos, paralelamente ao exercício profissional – de forma destacada, tanto na área pública quanto no âmbito privado, em diversas empresas.

Seus interesses e conhecimentos artísticos eram vastos: grande conhecedor e apreciador da música erudita, brasileira e estrangeira, especialmente as composições para piano. Teatro, dança, ópera e literatura eram manifestações que o atraíam, mas, seguramente, sua grande paixão eram as artes visuais, numa dimensão em que sempre as entendia, em estreita relação com as instituições que as estimulam, difundem, acolhem e preservam.

Esta visão – que sempre encontrou apoio e cumplicidade em sua esposa e companheira de toda a vida, Lais Zogbi Porto – o levou a uma profícua, produtiva e singular atuação no cenário cultural paulista. No campo institucional, foi membro do Patronato do Museu de Arte Moderna de São Paulo por 30 anos, tendo lá exercido o cargo de Diretor Administrativo de 2019 a 2022. Também participou do Conselho Deliberativo do Museu de Arte de São Paulo (MASP) de 2014 a 2022, tendo integrado ativamente seu Comitê Cultural e o Comitê de Infraestrutura, e foi diretor do Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MUBE) nos anos 2000.

Para além dessas colaborações, que muitas vezes envolviam igualmente contribuições financeiras, exerceu de maneira generosa e entusiástica sua maior vocação: a doação de obras para os acervos de museus.

Telmo Porto, como eu chamava carinhosamente, era um doador compulsivo, que atuava de duas maneiras distintas. Uma era respondendo a solicitações das diretorias das instituições para a compra e doação de obras (não as contemporâneas, para as quais dizia haver interesses e sensibilidades já consolidados); mas a maneira que lhe dava mais satisfação seguia outra estratégia: estudava os acervos dos museus, que conhecia em profundidade (algumas vezes melhor do que os próprios curadores...), identificava lacunas nas áreas que lhe interessavam (especialmente a produção das últimas décadas do século 19 até os anos 1950/1960, sobretudo de nomes ainda sem o devido reconhecimento por parte da historiografia oficial), e saía em busca de obras que correspondessem a esses critérios em leilões e galerias em todo o Brasil.

Sua alegria ao localizar – e adquirir – essas obras e propô-las em doação aos museus era contagiante: “achei a marinha do artista *x* que faltava no acervo”, ou “você não vai acreditar na pintura dos anos 1890 que encontrei do artista *y* retratando seu ateliê em São Paulo”.

Essas propostas de doação eram realizadas da maneira mais respeitosa possível, sempre se atendo aos procedimentos de cada instituição e sem nenhuma exigência especial, salvo o crédito merecido de “doação de Telmo e Lais Porto” – e sempre acompanhadas de atos de extrema atenção e delicadeza, como a entrega das obras nas datas e horários indicados por cada museu, que ele fazia questão de realizar pessoalmente.

As doações de obras por Telmo Porto ao longo das duas primeiras décadas do século 21 a inúmeros museus paulistanos, não só aqueles em que atuou institucionalmente, mas a inúmeros outros, com especial ênfase para o acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, transformaram-no no mais destacado doador de obras individuais desse período. Nas instituições museológicas de São Paulo que receberam, nesses anos, importantíssimas coleções em doação ou em comodato, não houve figura que tivesse ocupado esse posto de contribuições efetuadas a partir de um olhar tão atento, seletivo e cuidadoso como Telmo Porto.

Paralelamente a esta atuação institucional, Telmo avançou, a partir de 2015, com um projeto pessoal que sempre o atraiu: a constituição de um espaço próprio, que dizia ter como objetivo maior o de ser um local para encontrar e conversar com amigos. Ao longo de anos, buscou cuidadosamente um imóvel que lhe agradasse e correspondesse a suas expectativas. Acabou localizando na avenida Juriti, em Moema, uma antiga residência com um projeto que, de alguma maneira, evocava sua residência familiar e se dedicou, de maneira plena e integral, e em uma produtiva interlocução com a arquiteta Renata Semin, ao restauro e à adequação do espaço para a instalação da Arte132 Galeria. Sua atenção aos detalhes foi extrema: da localização dos interruptores de luz ao desenho dos azulejos do banco do jardim; do melhor projeto luminotécnico disponível no mercado ao local ideal para colocação do piano que serviria para apresentações das músicas que tanto apreciava.

Inaugurada em agosto de 2021, a Arte132 Galeria veio concretizar seu sonho de trabalhar e difundir as produções artísticas “nem sempre valorizadas pelo mercador” e que ele garimpou cuidadosamente ao longo de anos, formando um acervo próprio de grande qualidade e abrangência.

A presente exposição, apresentando um recorte deste vasto acervo, decorrido quase um ano após sua precoce partida em julho de 2023, é uma homenagem necessária e merecida a essa figura tão especial, com quem tive a honra de compartilhar sonhos e ideais.

Não poderia encerrar estas recordações sem registrar dois outros pontos: o primeiro é o reconhecimento da generosidade, sempre marcada por profunda discrição, com que Telmo Porto atuou no apoio a tantas pessoas em momentos de necessidade, especialmente inúmeros artistas. O segundo é o testemunho de sua visão e comprometimento com a necessidade de construção de uma sociedade mais justa e solidária em nosso país, principalmente nos delicados momentos recentes de nossa história, e sua inabalável crença na viabilidade de um mundo de convivências respeitadas.

TELMO PORTO: COLECIONADOR E FILANTROPO

Esta exposição e a publicação que a acompanha prestam uma homenagem ao trabalho e à memória de Telmo Porto (1955-2023), engenheiro, professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, mais conhecido como colecionador de arte e amigo dos artistas, diretor e conselheiro em diferentes instituições museais na cidade de São Paulo, às quais fez generosas doações perfazendo um total de mais de 150 trabalhos. Tinha um amor verdadeiro pela arte – não apenas pela pintura e escultura, mas por todas suas formas, sejam móveis, objetos, livros, antiguidades, música, literatura, teatro, design, moda. Daí a diversidade de sua coleção e a originalidade de sua orientação, particularmente nas artes visuais, promovendo a recuperação de artistas deixados de fora ou ainda não reconhecidos plenamente pelas narrativas hegemônicas da arte brasileira – mas não apenas estes, como pode ser visto no seu acervo particular ou pelas obras que doou aos museus. Como toda coleção ela é um retrato do colecionador, de seu gosto, sensibilidade, compromisso e inteligência.

A galeria Arte132 foi o último projeto de Telmo Porto. Inaugurada em agosto de 2021, depois de mais de três anos de trabalho, ele cuidou pessoalmente de todos os detalhes para a adaptação do imóvel como um espaço cultural aberto ao público: projeto, construção, acabamentos, jardim, mobiliário e equipamentos. Pensou um lugar para além de uma galeria comercial, como um ponto de encontro entre amigos e artistas, apresentações musicais e performances, grupos de conversas, além das exposições. Constituiu o acervo a partir de sua coleção, trazendo para o novo espaço não apenas pinturas, desenhos, esculturas e gravuras, mas também livros, múltiplos e diversos, cristais, pratas, opalines, imagens religiosas, arte popular, criando um ambiente acolhedor e marcando o espírito eclético e próprio do lugar.

Em menos de três anos, a Arte132 realizou importantes exposições, sempre acompanhadas de consistentes publicações, revelando ou recuperando artistas e produções menos conhecidos no circuito das artes visuais, mas com uma presença significativa na construção do meio artístico brasileiro e na consolidação de um pensamento moderno para a visualidade. Configuram contribuições importantes para o entendimento do modernismo brasileiro a partir de 1922, em particular a das mulheres e da arte popular, como em *Vários 22* (2022), com curadoria de Lilia Moritz Schwarcz, ou *Mulheres artistas nos salões e em toda parte* (2022), com curadoria de Ana Paula Cavalcanti Simioni, sobre pintoras para além de Anita Malfatti e Tarsila do Amaral. Da mesma forma foi sobre artistas mulheres, mas que usam o tear, a costura e o bordado como estratégia de trabalho a exposição *Andar pelas Bordas* (2023), também com curadoria de Lilia Moritz Schwarcz.

Realizou, ainda, mostras de outras coleções particulares, como a de Enílton Tabosa do Egito (2022), com obras de artistas de Pernambuco do século 20, como Cícero Dias, Rêgo Monteiro, Lula Cardoso Ayres, José Claudio, Guita Charifker, Montez Magno, Brennand, Samico, entre tantos; ou a paulistana de Miguel Chaia (2023), revelando o olhar atento e apurado do colecionador sobre a arte contemporânea brasileira em escala doméstica, com obras significativas de Amílcar de Castro, Leonilson, Tunga, Leda Catunda, Carmela Gross, André Komatsu, Cassio Michalany, Arthur Lescher, Karin Lambrecht e outros.

Ao lado das coletivas, entre as mostras individuais que revisitam produções esquecidas destacam-se as de *Helena e Riokai, entre Brasil e Japão, Paris*, (2021), com curadoria de Madalena Hashimoto Cordaro e Michiko Okano, sobre a o casal Riokai Ohashi e Helena Pereira da Silva Ohashi, artistas viajantes nas décadas de 1930 e 1940; e *O novo e o sobrevivente, o caso Raphael Galvez* (2023-24), com textos de Tadeu Chiarelli e Mayara Laudanna, que mostra a diversidade e a experimentação na obra do artista, sempre citado, mas pouco visto, em sua relação com as ideias e formas modernas. Também foram apresentados solos dos pintores contemporâneos Alex Flemming (2021), José de Quadros (2022), Abelardo Zaluar (2023) e do escultor Renato Brunello (2023).

A presente exposição, portanto, conta um pouco desta história. Não segue nenhuma ordem cronológica, mas aproxima as gerações de artistas presentes em agrupamentos temáticos, estilísticos ou por suportes materiais, por vezes pontuados com trabalhos que revelam relações elípticas entre diferentes tempos. Há um caminho a ser percorrido. Na entrada, a singular pintura de Sepp Baendereck (1920-1988), *O príncipe sem reino do universo absurdo*, 1973, mostra um retrato com base no modelo clássico da composição e nas dimensões deste gênero de pintura – no caso, uma espécie de alegoria onde o herói aponta para fora do quadro, o mundo, para uma coleção, um fragmento de museu, como o referido na pintura em frente de Luiz Paulo Baravelli (1942), *No museu (nº 1)*, 1979, uma cena composta por planos de cores que encerram formas e volumes.

Na primeira galeria está uma série de pinturas abstratas geométricas e informais, movimento tão bem representado na coleção de Telmo Porto, com destaque para Samson Flexor (1907-1971), um de seus favoritos e com sua produção presente em todas as etapas. Junto a ele, alguns companheiros de geração como, de um lado, Yolanda Mohalyi (1909-1978) em uma composição de massas abstratas, contornos fluidos, com ênfase nos gestos espontâneos e líricos; Ismênia Coaracy (1918-2022) e sua pintura matérica dos anos 1960, com formas abstratas e evocativas construídas pela cor e o gesto; Antonio Lizarraga (1924-2009), num exercício de abstração da paisagem transitando entre o informal e o geométrico; e Amélia Toledo (1926-2017) com duas colagens de papel de seda numa experimentação formal de cores, linhas e transparências. Do outro lado, estão os abstratos geométricos e concretistas como Judith Lauand (1922-2022), Luiz Sacilotto (1924-2003), Abelardo Zaluar (1924-1987) e Osmar Dillon (1930-2013), que representam a grande renovação da arte brasileira após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), uma modernidade radical e transformadora, uma base sólida para a contemporaneidade. Fechando o conjunto, Felipe Cohen (1976) faz um contraponto ao imaginário daquela geração, com um trabalho marcado pela precisão geométrica, economia da cor e do desenho, trazidos com delicadeza e, por que não, certo humor.

Na sala de reuniões, estão os trabalhos de Emiliano Di Cavalcanti (1897-1976), Aldo Bonadei (1906-1974), artista com diversas obras na coleção Telmo Porto e Lais Zogbi Porto, e Carmélio Cruz (1924-2018). São quatro pinturas que informam sobre a persistência de uma figuração em oposição à abstração, ainda que estilizada pela geometrização dos volumes, planos e composições.

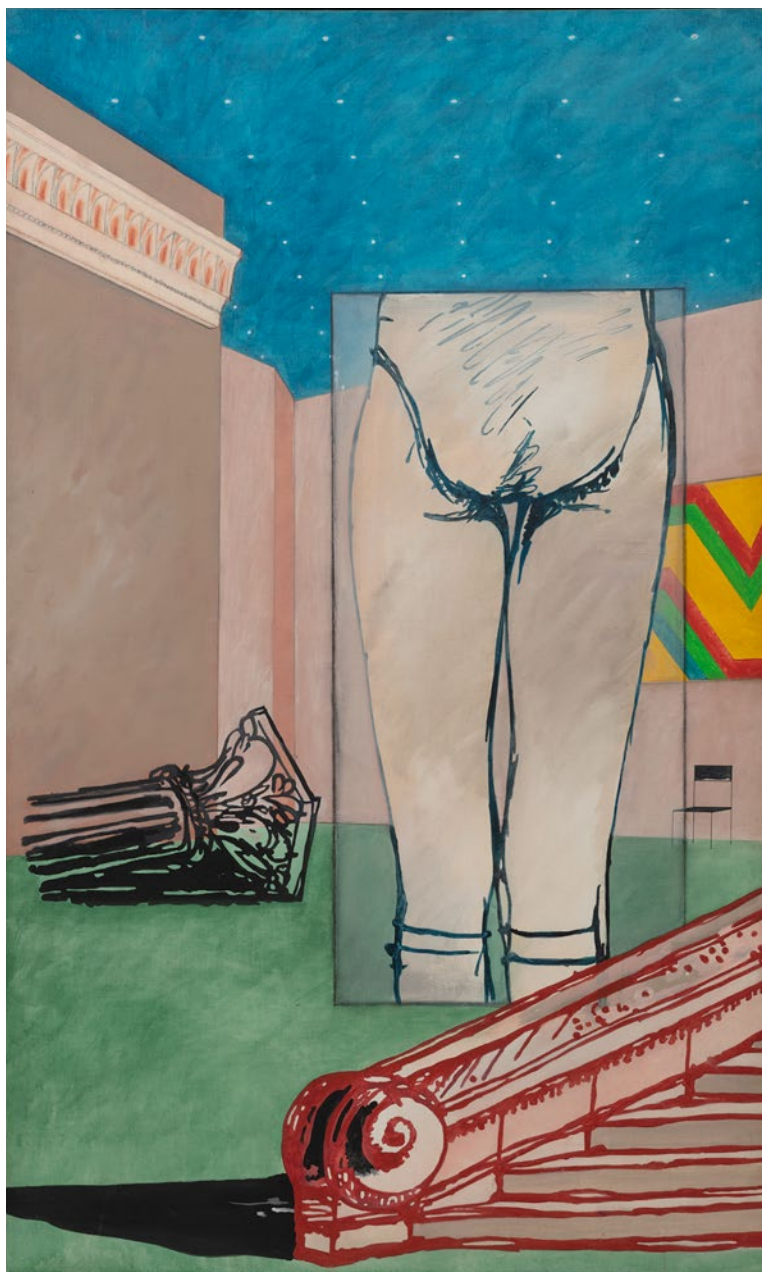
Na galeria do *mezzanino* (andar superior), manteve-se a distribuição original dos móveis como uma sala de estar e um escritório, tendo ao fundo uma grande estante entre as janelas com peças de artes decorativas do acervo da galeria: pratas, vidros, cristais, porcelanas, objetos, imagens religiosas, livros. Neste espaço, há, além de artistas brasileiros, obras de artistas estrangeiros, predominando trabalhos sobre papel e múltiplos diversos.

Sobre a mesa de centro, há livros de artistas importantes dentro do conceitualismo, da crítica institucional e da desmaterialização dos processos artísticos dos anos 1970, como Marcel Broodthaers (1924-1976), Joseph Beuys (1921-1986), Pol Bury (1922-2005) e Anna Maria Maiolino (1942). Sobre o piano, estão as esculturas em latão *Passante*, c.1990, de José Resende (1945), uma evocação brancusiana de todos os caminhantes, e *Sem título*, 1987, de Caíto (1952-2020), em ferro e material reciclado com um sentido erótico e transgressivo; além do múltiplo de Márcia Xavier (1967), *Oca*, 2009, que trabalha sobre a construção e percepção da paisagem e o envolvimento do observador. Este último conjunto relaciona-se com outros trabalhos de artistas desta geração, de correntes tão diversificadas e que constituem a contemporaneidade. Estão colocadas, em diferentes paredes, as pinturas de Gerhard Richter (1932), Markus Lüpertz (1941), Marcos Concílio (1945), Mônica Nador (1955) e Paulo Monteiro (1961), juntamente com as irreverentes fotos de Marcos Chaves (1961).

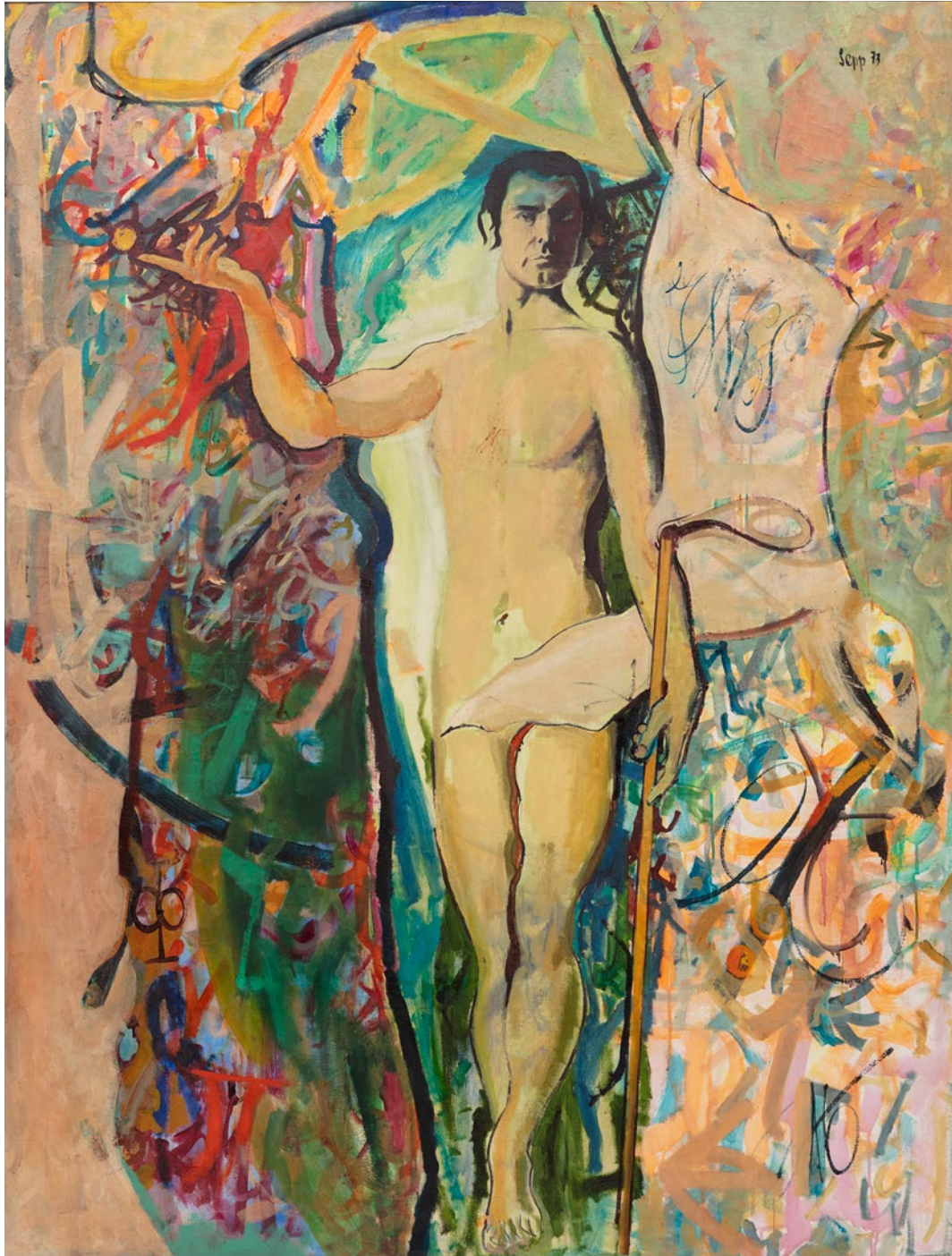
Encerrando o circuito, uma série de trabalhos sobre papel, isolados ou reunidos, um olhar vagante sobre um extenso acervo deste suporte: uma xilo de Günther Uecker (1930); um desenho de Jannis Kounellis (1937-2016); três imagens das experimentações gráficas e construtivistas de Dorothy Bastos (1933-2018); o inesperado conjunto de 14 gravuras em metal, figurativas, da série *Personagens*, 1964-1965, do grande mestre brasileiro da espacialidade das cores Eduardo Sued (1925); uma sequência de trabalhos de artistas quando jovens – Antonio Dias (1944-2018), Antonio Henrique Amaral (1935-2015), Ivan Serpa (1923-1973) e Roberto Magalhães (1940); um bom desenho a cores de Esther Grinspum (1956); e, por último, um grupo de trabalhos caudatários do surrealismo e de um imaginário ligado à natureza, como as referências ao corpo em Franklin Cassaro (1962) e Jean Arp (1886-1966), as figuras antropomórficas de Maria Martins (1894-1973) e o desenho vigoroso e encantador, com uma figura na paisagem, de Roberto Burle Marx (1909-1994), outro querido de Telmo Porto.

A experiência da exposição proposta ao visitante é a de estar num gabinete imantado de histórias e projetos realizados, um lugar de contemplação e reflexão. Não há nada estridente. Silenciosamente, revela o colecionador, conta a alma da sua história, a arte.

TELMO PORTO
COLECCIONADOR E FILANTROPO



Luiz Paulo Baravelli
No Museu (no.1) - 1979
Óleo sobre tela
154 x 94 cm



Sepp Baendereck
O príncipe sem reino do universo
absurdo - 1973
Óleo sobre tela
170 x 130 cm



Aldo Bonadei
Corredor de Paraty - 1967
Óleo sobre tela
75 x 60 cm



Di Cavalcanti
São Jorge - s.d.
Guache sobre cartão
69,5 x 50 cm



Di Cavalcanti
Quatro figuras na contra luz - 1966
Guache sobre papel
49 x 64 cm



Carmelo Cruz
Figuras - 1955
Óleo sobre eucatex
91 x 64 cm



Samson Flexor
Sem título - 1959
Óleo sobre tela
90 x 130 x 5 cm



Amelia Toledo
Colagem - 1958
Sobreposição de papéis de seda
38,5 x 24,5 cm

Amelia Toledo
Colagem - 1958
Sobreposição de papéis de seda
38,5 x 24,5 cm



Yolanda Lederer Mohalyi
Sem título – s.d
Mista sobre papel
75 x 100 cm



Antonio Lizárraga
Sem título - 1965
Óleo sobre tela
73 x 92 cm



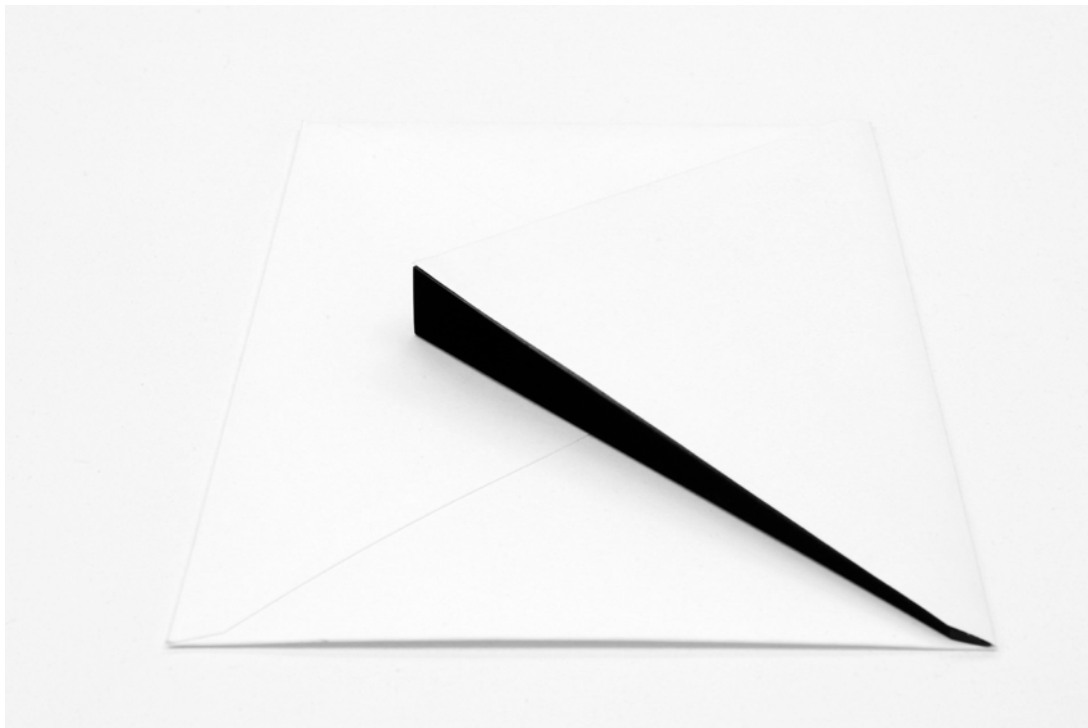
Ismenia Coaracy
Sem título - 1966
Óleo sobre tela
100 x 80 cm



Samson Flexor
Sem título - 1963
Óleo sobre linho
65 x 100 cm



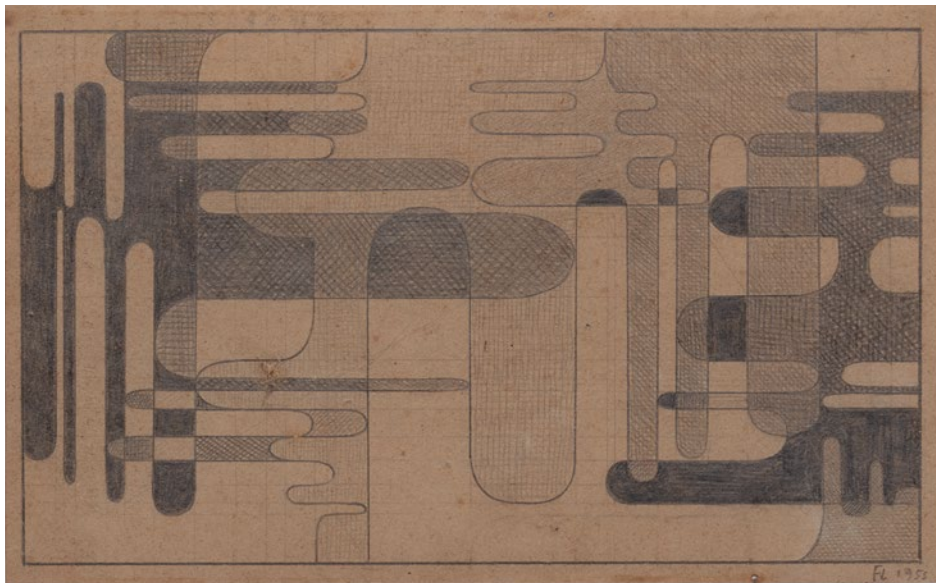
Samson Flexor
Composição - 1957
Óleo sobre tela
54 x 115 cm



Felipe Cohen
Convite - 2009
Envelope de papel e basalto negro
2 x 16,5 x 22,5 cm / 2 x 28,5 x 22,5 cm
Edição 5/6



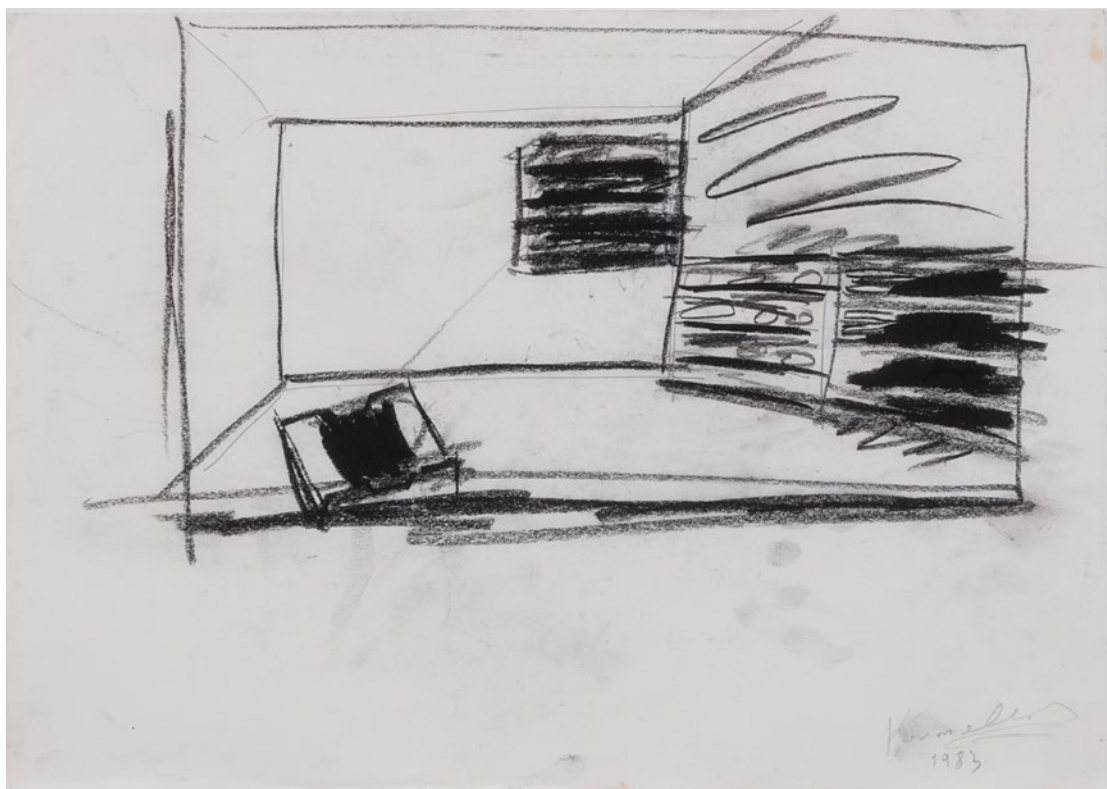
Samson Flexor
Sem título - 1963
Óleo sobre linho
65 x 90 cm



Samson Flexor
Sem título - 1955
Grafite sobre papel
30 x 19 cm



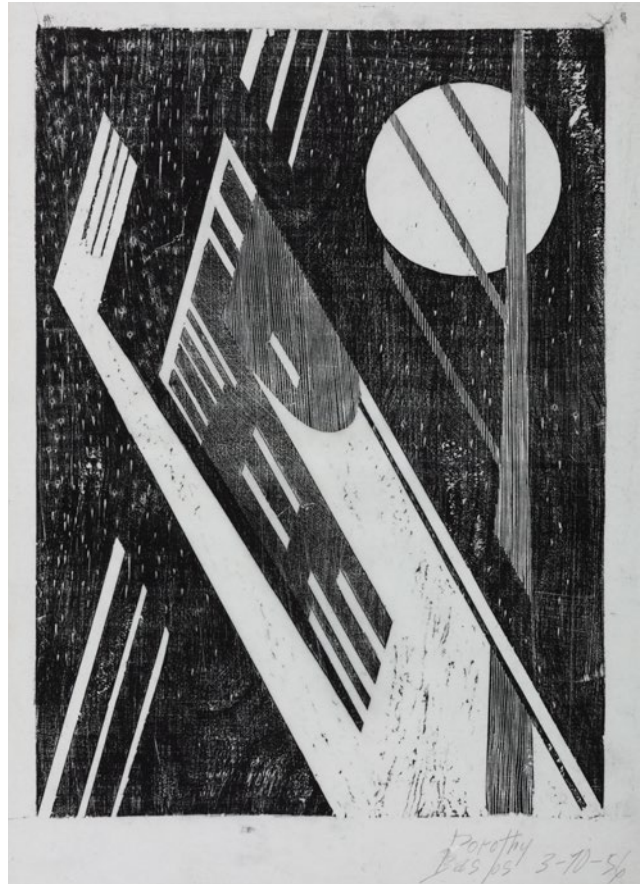
Günther Uecker
Sem título - 1997
Xilogravura
40 x 40 cm



Jannis Kounellis
Sem título - 1983
Carvão sobre papel
25 x 36 cm



Dorothy-54



Dorothy
Bastos 3-10-56



Dorothy
Bastos 3-10-56

Dorothy Bastos
Composição - 1954
Xilogravura
20 x 15 cm

Dorothy Bastos
Composição - 1956
Xilogravura
37 x 24 cm

Dorothy Bastos
Composição - 1956
Xilogravura
26 x 23 cm



Eduardo Sued
Personagens - 1965
 Gravura em metal sobre papel
 [Composição com duas gravuras]
 19 x 15 cm cada
 Edição 14/30

Eduardo Sued
Personagens - 1965
 Gravura em metal sobre papel
 [Composição com duas gravuras]
 19 x 15 cm cada
 Edição 14/30



Eduardo Sued

Personagens - 1965

Gravura em metal sobre papel
[Composição com duas gravuras]
19 x 15 cm cada
Edição 14/30

Eduardo Sued

Personagens - 1965

Gravura em metal sobre papel
[Composição com duas gravuras]
19 x 15 cm cada
Edição 14/30



Eduardo Sued
Personagens - 1964
 Gravura em metal sobre papel
 [Composição com duas gravuras]
 16 x 12 cm
 Edição 14/30

Eduardo Sued
Personagens - 1964
 Gravura em metal sobre papel
 [Composição com duas gravuras]
 16 x 12 cm
 Edição 14/30

Eduardo Sued
Personagens - 1964
 Gravura em metal sobre papel
 [Composição com duas gravuras]
 16 x 12 cm
 Edição 14/30



Antonio Dias
A Madona do Lago - 1960
Xilogravura
23 x 30 cm
Edição 1/10



Antonio Henrique Amaral
Sem título - 1964
Xilogravura
27,5 x 17 cm
Edição 77/100



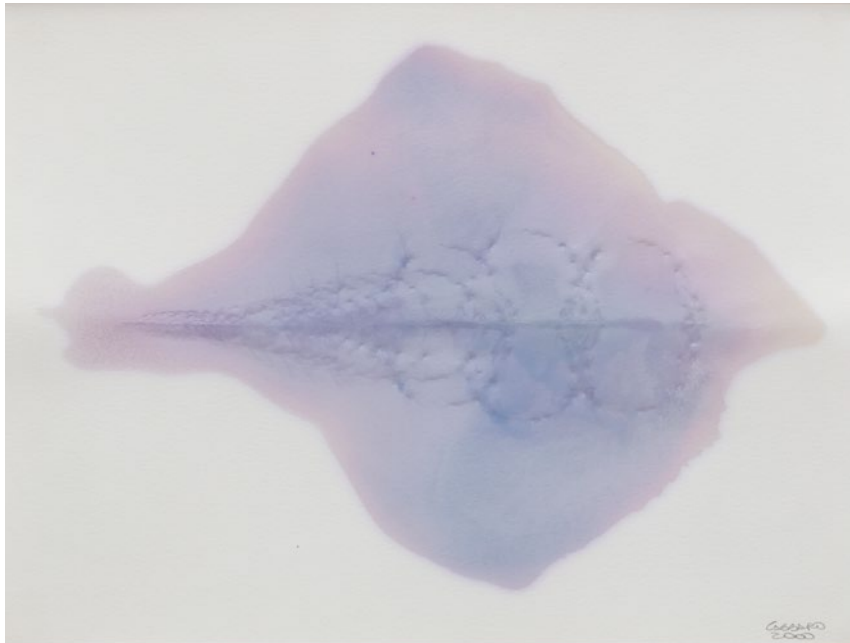
Ivan Serpa
Figuras - 1970
Litografia
20 x 22 cm
Edição 25/100



Roberto Magalhães
Sem título - s.d.
Xilogravura
27 x 27 cm



Ester Grinspum
Inacabada no. 33 - 1984
Mista sobre papel
50 x 70 cm

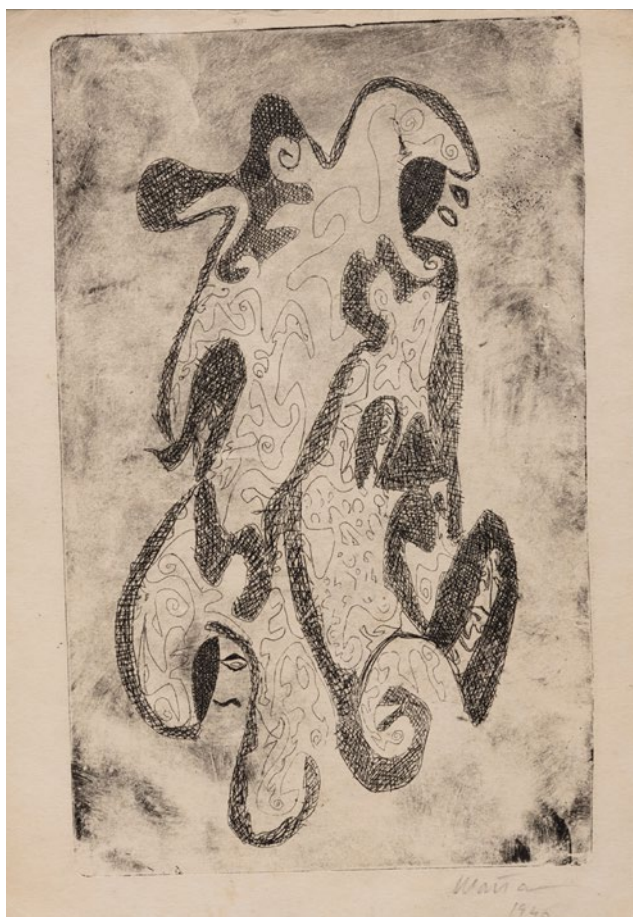


Franklin Cassaro
Sem título - 2000
Mista sobre papel
24 x 32 cm

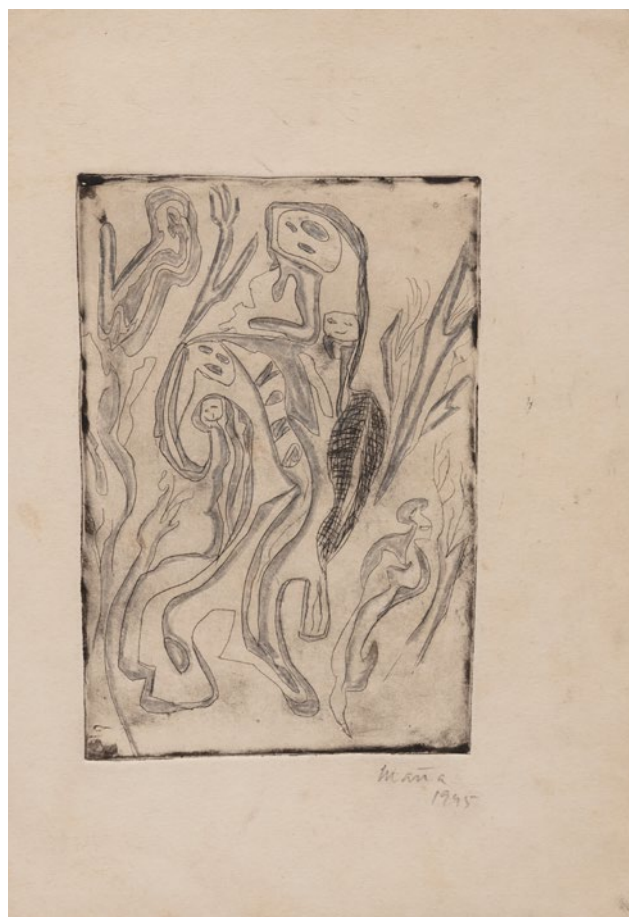
Franklin Cassaro
Sem título - 2000
Mista sobre papel
24 x 32 cm



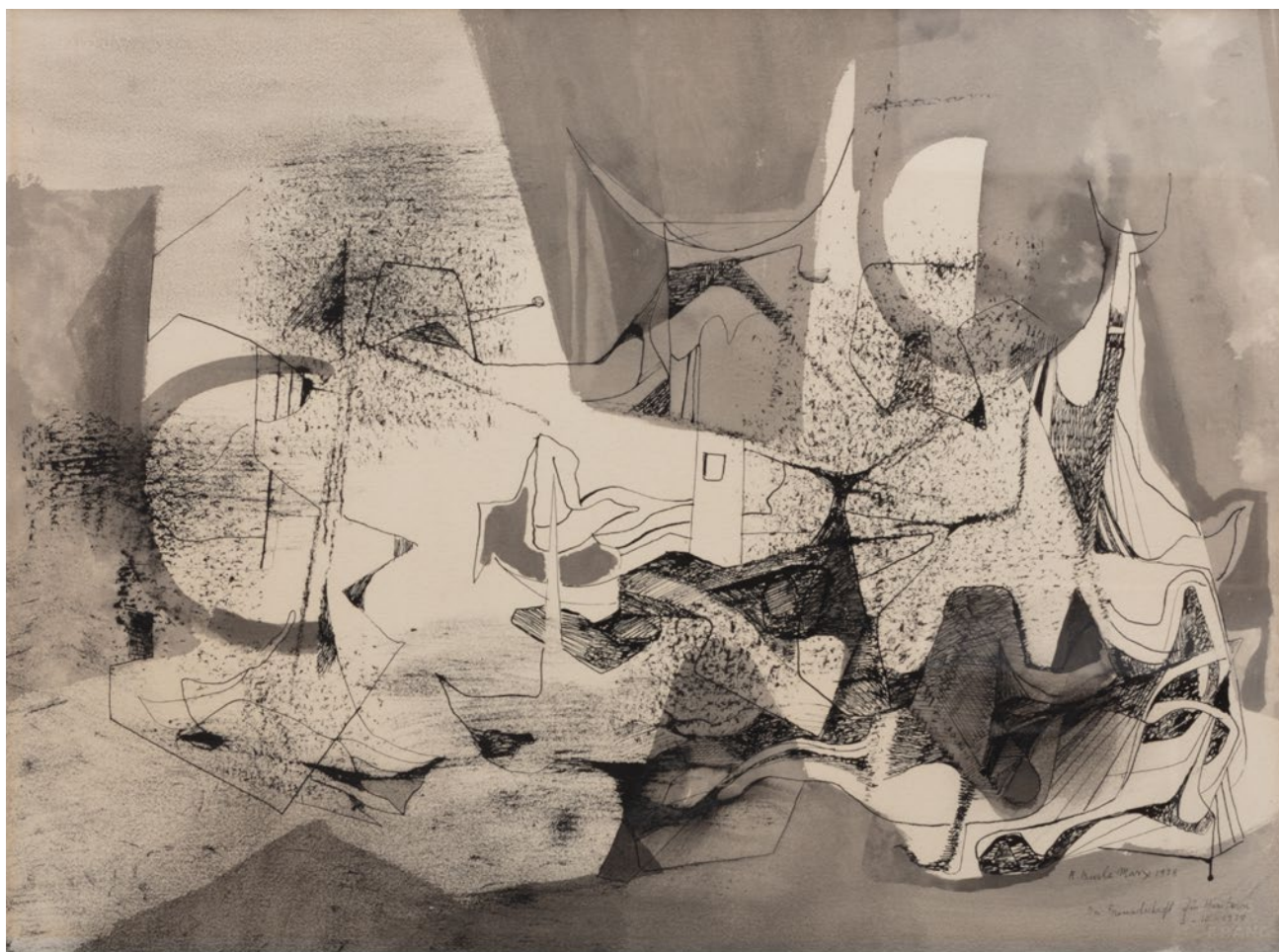
Jean Arp
Relief Documenta III - 1964
Alumínio polido e bronze
25 x 20 cm
Edição 81/100



Maria Martins
Composição Antropomórfica - 1946
Litogravura sobre papel
25 x 17,5 cm



Maria Martins
Composição com Figuras - 1945
Litogravura e grafite sobre papel
25 x 17,5 cm



Roberto Burle Marx
Sem título - 1978
Nanquim sobre cartão
55 x 75 cm



Marcia Xavier
Oca - 2009
Fotografia e espelho
8 x 8 x 8 cm



Paulo Monteiro
Sem título - 1984
Óleo sobre tela
80 x 120 cm



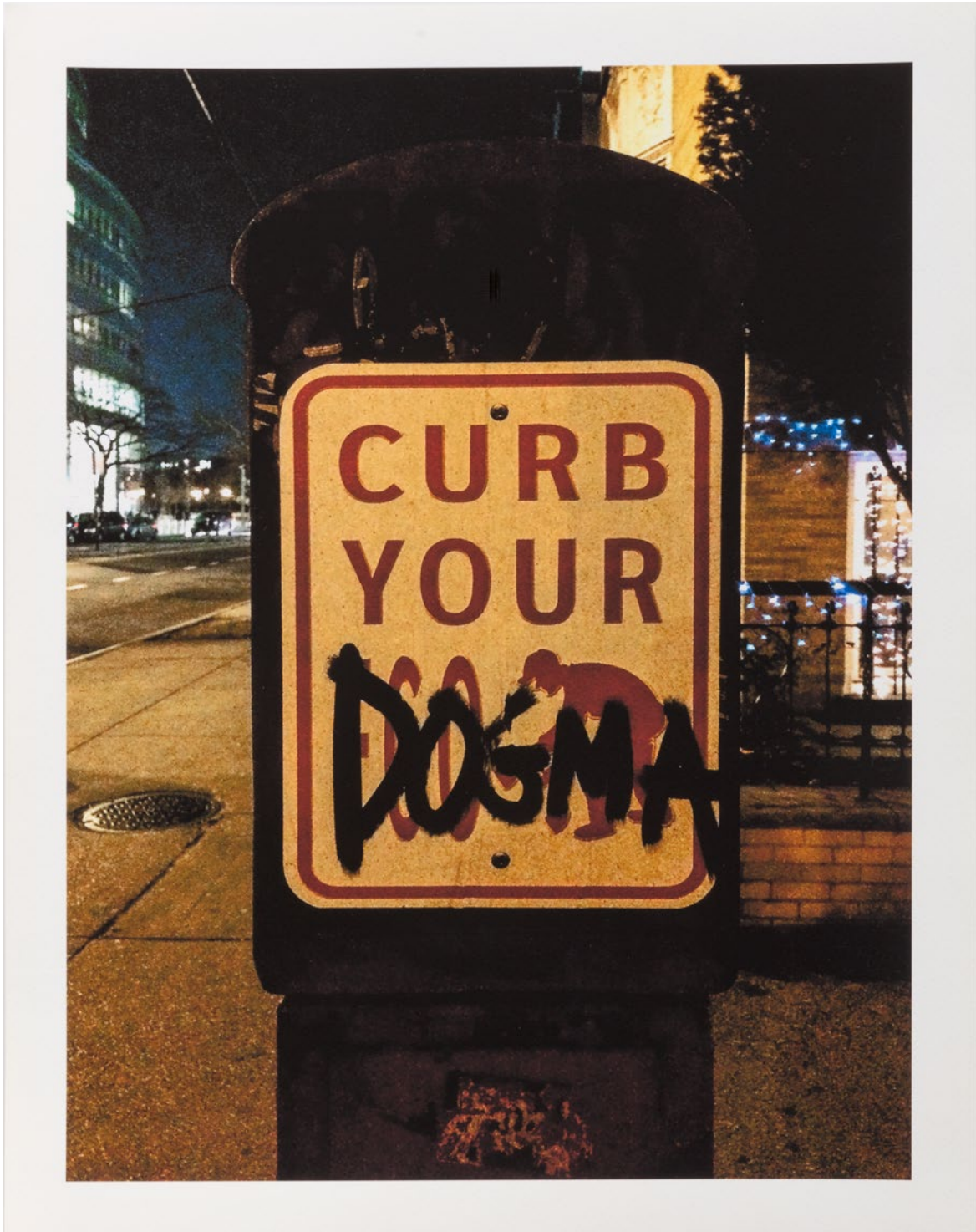
Markus Lüpertz
Schuh (Shoe) - 1984
Óleo sobre linho
65 x 55 cm



Caio
Sem título - 1987
Alfinete de latão e plástico
67 x 27 x 28 cm



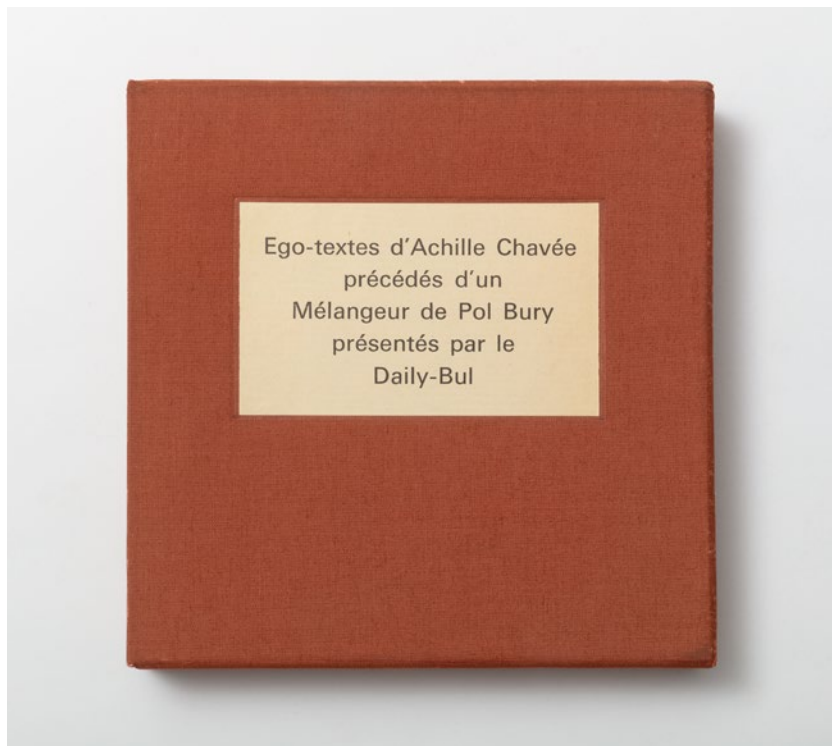
Marcos Concílio
Currada atrás do galinheiro - 1972
Ecoline sobre papel
53,5 x 71 cm



Marcos Chaves
Curb your dogma - 2016
Fotografia
40 x 31 cm
Edição 18/30



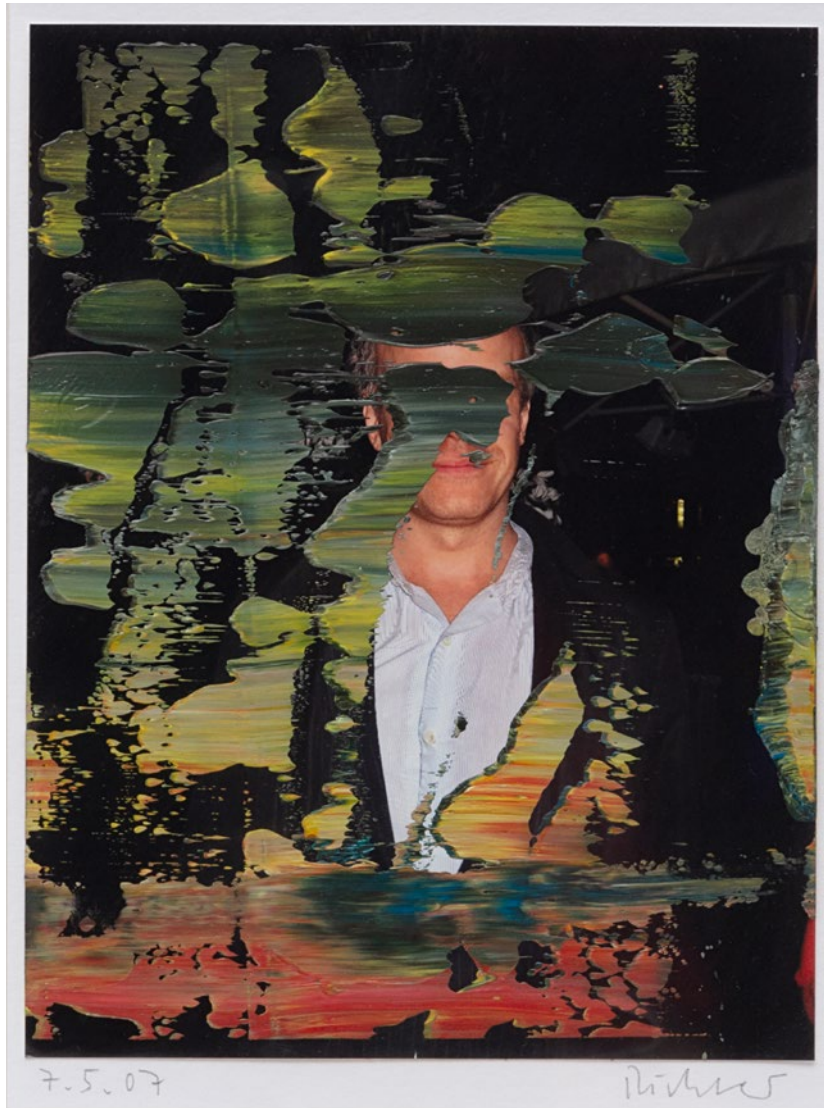
Marcos Chaves
Sem título (Série Buracos) - 1996-2008
Fotografia
31 x 24,5 cm



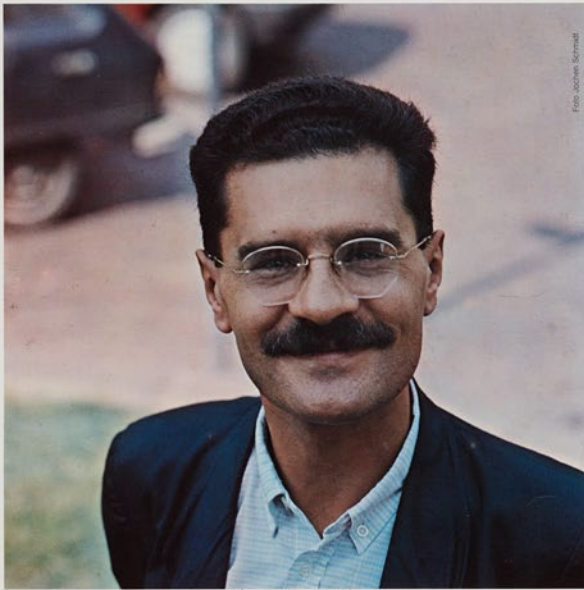
Pol Bury
Ego-textes d'Achille Chavée précédés d'un Mélangeur de Pol Bury présentés par le Daily-Bul - 1967
Livro-objeto - Impressão sobre papel
21 x 22 cm



Marcel Broodthaers
Un Jardin d'hiver - 1974
Impressão offset sobre papel - 76/120
20 x 20 cm
Edição 76/120



Gerhard Richter
07.05.2007 (Hans Ulrich Obrist) - 2007
Laca sobre fotografia
44,8 x 36 cm

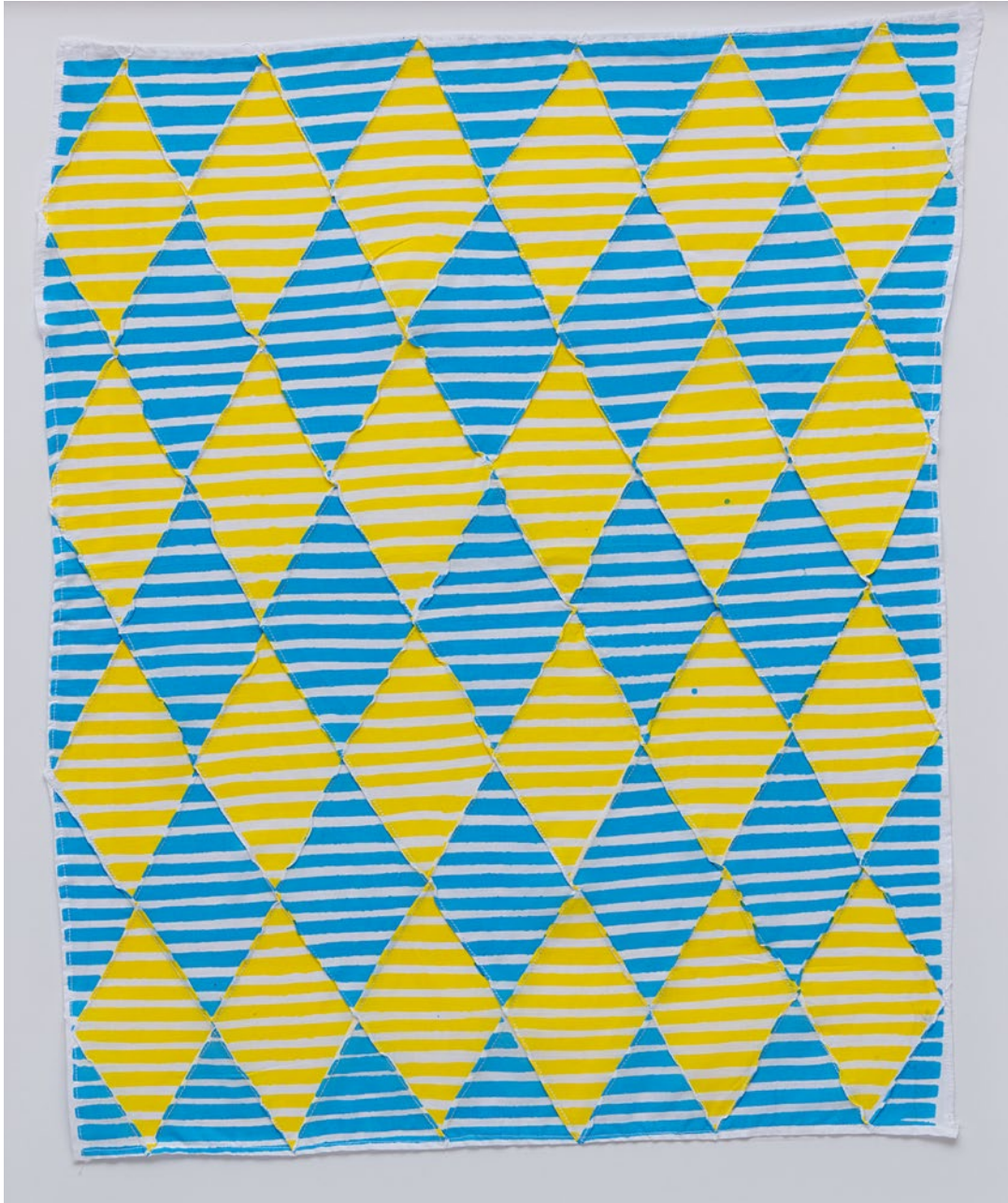


NIMM DADA ERNST, ES LOHNT SICH
Kurt Schwitters

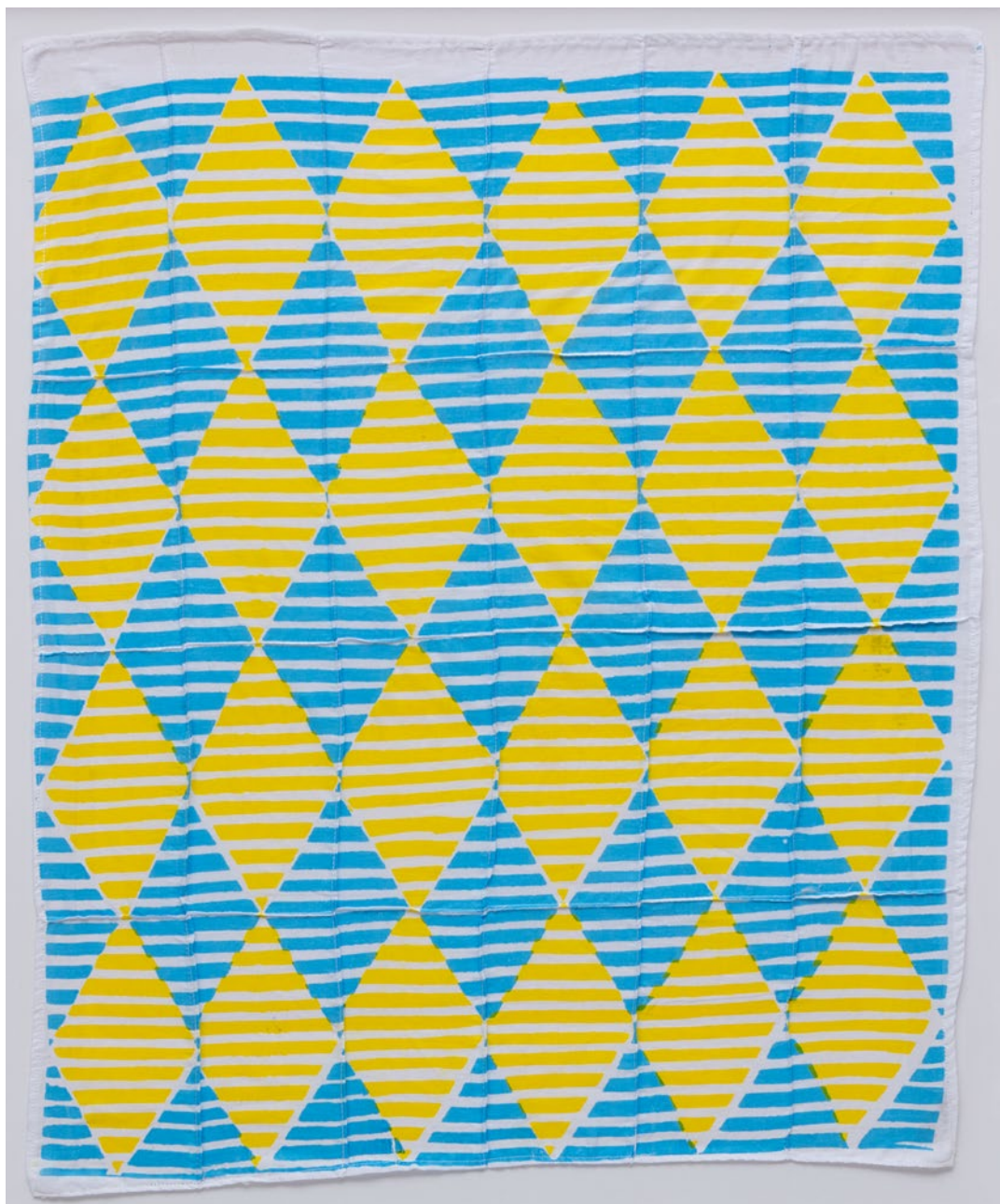
NIMM FOGGIA ERNST, ES LOHNT SICH
Joseph Beuys

Joseph Beuys
May/200

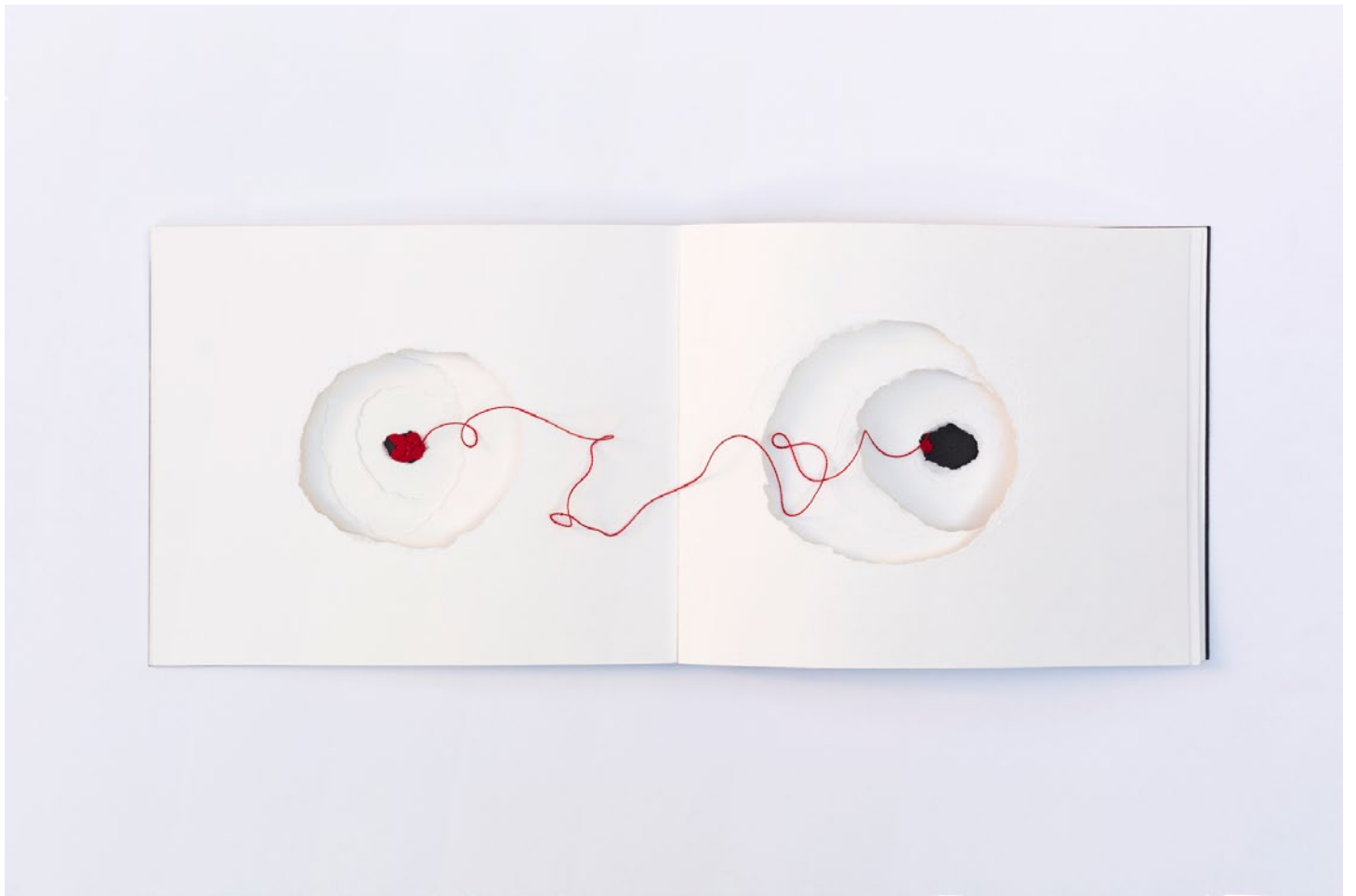
Joseph Beuys
Nimm Foggia ernst - 1985
Impressão offset sobre papel
30,7 x 49 cm
Edição 101/200



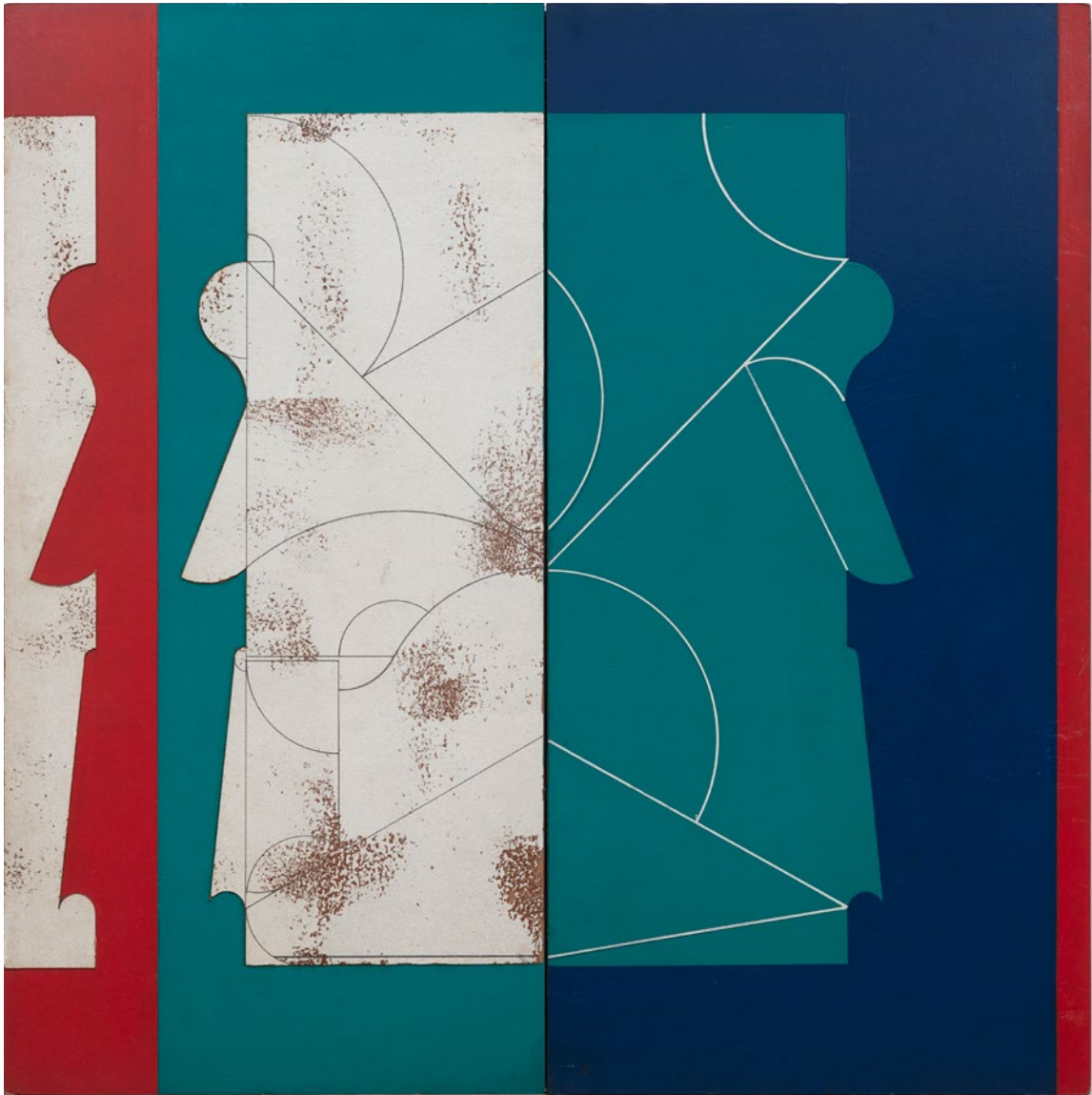
Mônica Nador e Renato Imbroisi
Fine Arts - 2012
Serigrafia e costura sobre tecido
56,5 x 48 cm



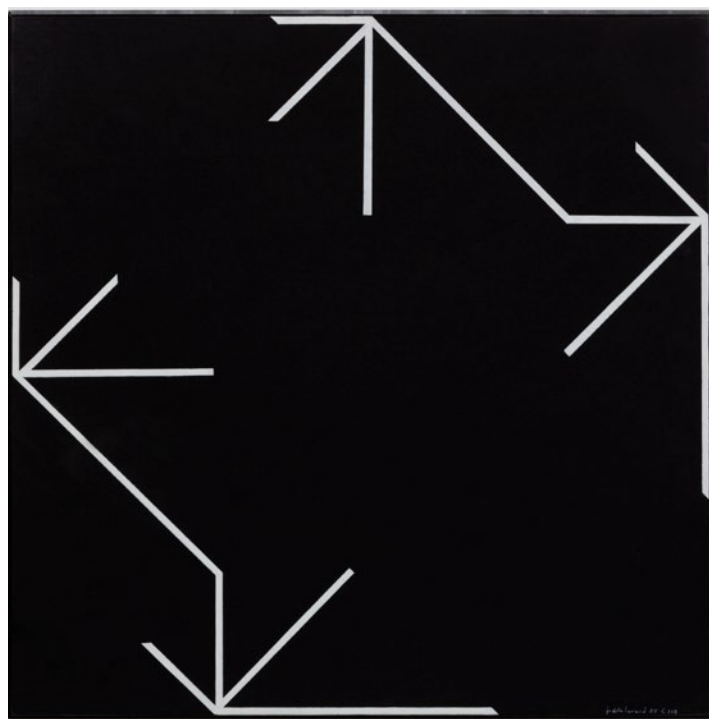
Mônica Nador e Renato Imbroisi
Fine Arts - 2012
Serigrafia e costura sobre tecido
56,5 x 48 cm



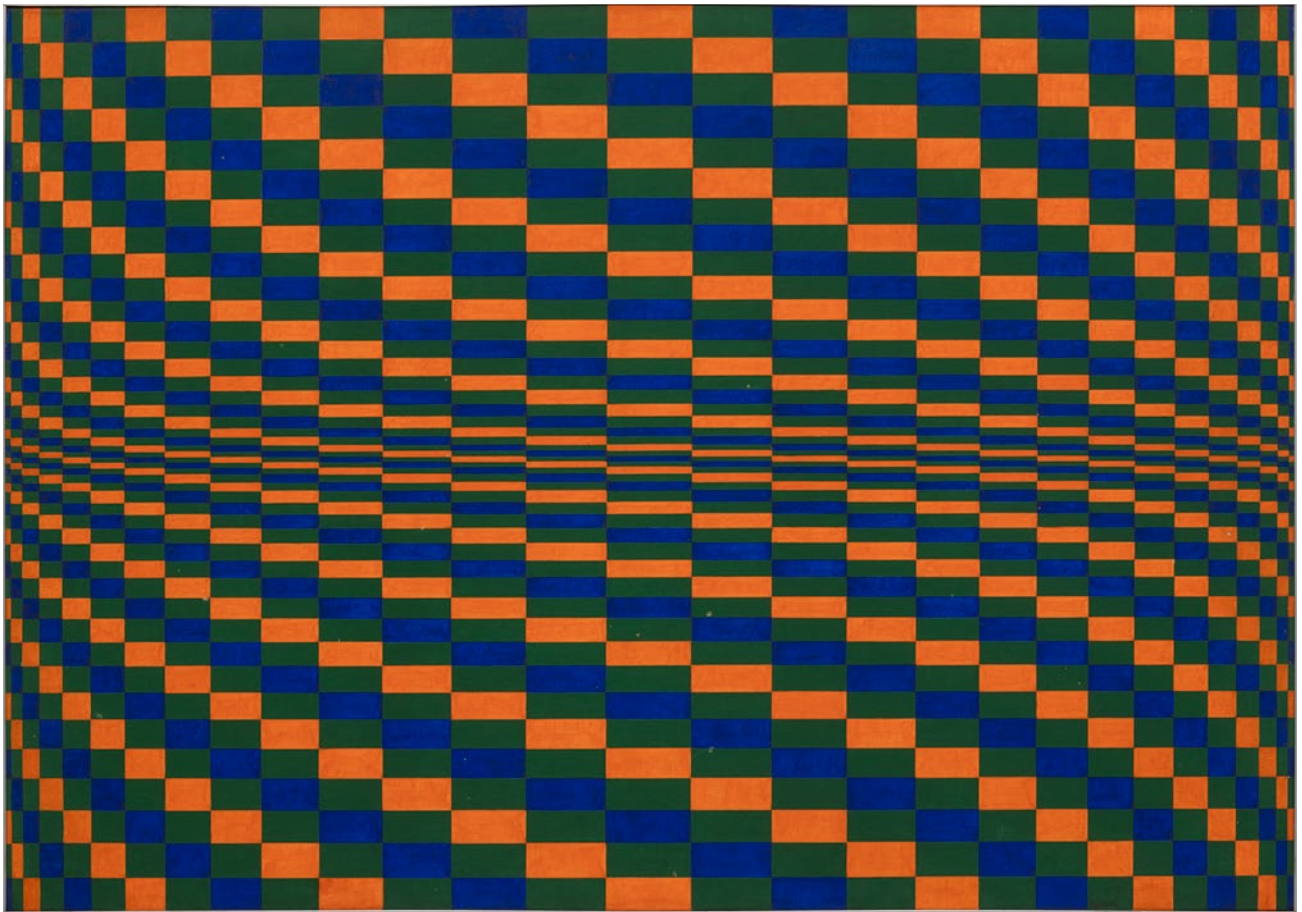
Anna Maria Maiolino
Ponto a Ponto, da série *Livro/Objetos*
1976/2013
Papel e linha de costura
20,7 x 27 x 0,7 cm
Edição 4/100



Abelardo Zaluar
Refletido - 1974
Acrílica, grafite e cartão sobre madeira
70 x 70 cm



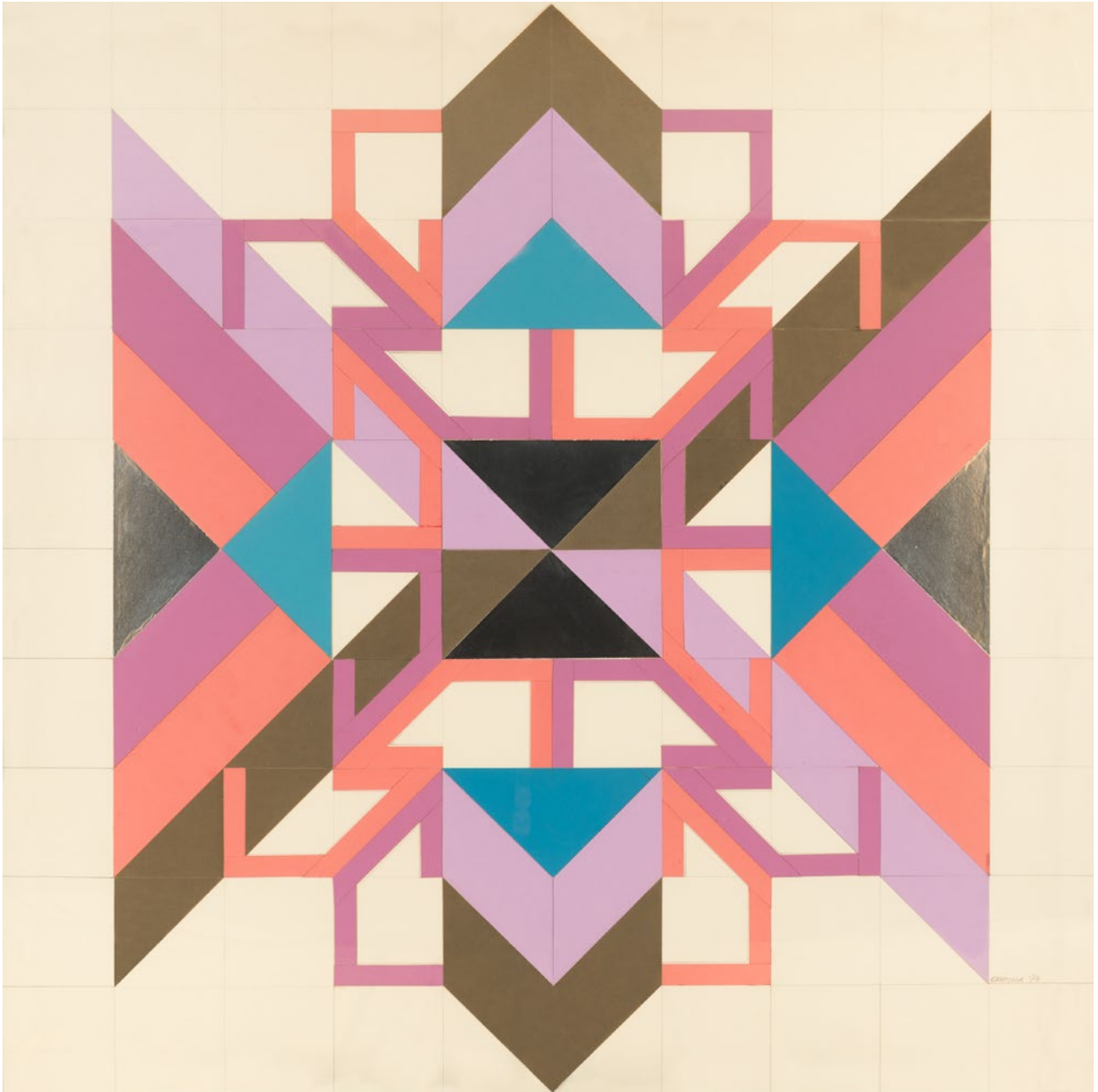
Judith Lauand
4 Grupos de Elementos - 1959
Guache sobre papel
46 x 46 cm



Luiz Sacilotto
Concreção 8100 - 1981
Têmpera sobre tela
70 x 100 cm



Osmar Dillon
Sem Título - 1990
Acrílica sobre tela montada em madeira
Quadríptico
45 x 12 cm (cada)



Edival Ramosa
Sem título - 1974
Técnica mista sobre papel
100 x 100 cm



Amelia Toledo
Impulso (Série) - s.d.
Bloco de quartzo rosa polido
sobre a extensão de seu percurso
em concreto branco
130 x 35 x 25 cm



José Resende
Passante - c. 1990
Escultura em latão
60 x 45 x 17 cm

Arte132 Galeria

TELMO PORTO

COLECIONADOR E FILANTROPO

Curadoria

Ivo Mesquita

Fundador

Telmo Porto

Sócios-diretores

Maurício Porto

Laís Zogbi Porto

Direção geral

Leca Kanawati

Comunicação

Su Mendes

Produção e acervo

Carolina Kipnis

Copa e limpeza

Lucilene da Silva

Segurança

Marcelo Bezerra

Fotografia

Everton Ballardin

Henrique Luz

Assessoria de imprensa

A4&Holofote

Revisão

Lígia Fonseca

Montagem

Leandro Brandão

Identidade visual e catálogo

Claudio Novaes conceito/design/direção

Impressão

STGRAF

a4 & holofote
COMUNICAÇÃO

Esta edição foi realizada por ocasião da exposição **Telmo Porto: colecionador e filantropo** na Arte132 Galeria durante os dias 18 de maio e 27 de julho de 2024.

Imagem da capa e contracapa

Samson Flexor

Composição - 1957

Óleo sobre tela

54 x 115 cm

Foto: ©EVERTON BALLARDIN

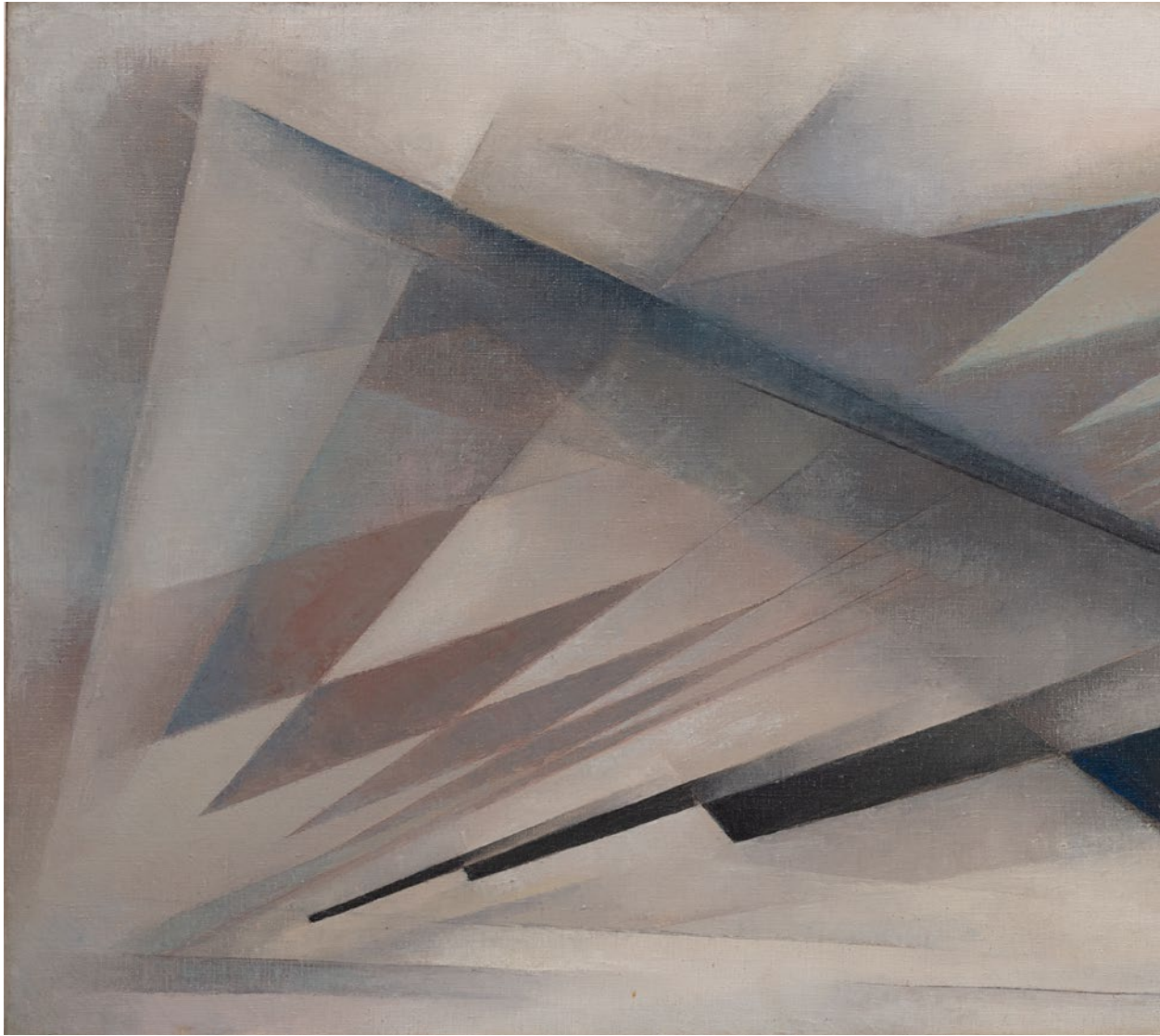
Agradecimento especial

Marcelo Mattos Araujo

Gabriela Pessoa de Oliveira

Av. Juriti 132
Moema São Paulo SP
Brasil CEP 04520-000
Tel.: + 55 11 5054-0357
contato@arte132.com.br
www.arte132.com.br
instagram: @arte132galeria
facebook: /arte132galeria

Segunda a sexta das 14h00 às 19h00
Sábado das 11h00 às 17h00



ISBN: 978-65-00-99936-5

TRL



9 786500 999365